

O Intercambio Cultural Estudantil: Uma discussão sobre o diferencial trazido na “bagagem” do estudante.

Talita Segato Tamião¹

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa que se atenta para a discussão da crescente motivação das pessoas em realizar uma viagem de intercâmbio, com a intenção de aprimoramento de um idioma, vivência internacional e o descobrimento de uma nova cultura. Desta forma o objetivo deste artigo é trazer análises preliminares sobre Intercâmbio Cultural Estudantil, o mercantilismo que está agregado a essa viagem e debater sobre o diferencial que este intercambista trás ou não na “bagagem” em seu retorno. A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa de caráter exploratório que buscou a contextualização teórica do tema, com base em dados obtidos em livros, anais de eventos, publicações, jornais e sites eletrônicos. Apartir dessa discussão sobre intercâmbio, foi realizada uma pesquisa qualitativa estruturada de respostas abertas, com estudantes que realizaram parte de seus estudos em outro país, e retornaram ao Brasil. Com base nessa pesquisa foi possível verificar sobre o diferencial agregado ou não ao currículo deste estudante.

Palavras-chave: Intercâmbio Cultural estudantil, Mercado de trabalho, diferencial.

¹ Mestranda em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: talitasegato@gmail.com.

Introdução

O Intercambio cultural estudantil nasce da vontade do intercambista não apenas de aprimorar um idioma, mas sim também por uma “troca de culturas” e de uma vivência internacional. Para Sebben (2007, p.34), “a idéia central dos intercâmbios não poderia ser puramente de estudos, mas, mais do que isso, de mudança de si mesmo”.

O Intercambio Cultural Estudantil nasce vinculado diretamente a ampliação do relacionamento entre diferentes povos e culturas. Apesar de ser uma prática muito antiga, o relacionamento entre povos, por exemplo, tem se tornado cada vez mais dinâmico e a busca por esses tipos de viagens, na atualidade, normalmente é realizada pela busca do conhecimento, como também pelo aprimoramento de um novo idioma e também pela troca entre as culturas.

O intercambio sugere, também, uma mudança interior que reflete no indivíduo que o realiza, a percepção de realidades locais próprias que interferem diretamente na noção de mundo a ser desenvolvida posteriormente ao primeiro contato.

Desta forma, o objetivo geral desse artigo é analisar os fatores iniciais que identificam o diferencial que o intercambista diz trazer em sua bagagem em relação ao mercado de trabalho, além de uma discussão sobre o intercâmbio estudantil e cultural na atualidade.

Este estudo abordou a pesquisa primária e a secundária, já definidas por Rutter e Abreu (2003). No caso da pesquisa Primária foram abordadas as pesquisas qualitativas. Os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo passaram por quatro etapas, a saber:

- 1- Pesquisa aleatória: Local e data a serem realizadas as entrevistas;
- 2- Pesquisa de Campo: Aplicação da entrevista estruturada, realizadas com estudantes que já retornaram ao Brasil, após o programa de intercâmbio;
- 3- Tabulação dos dados;
- 4- Análise estatística.

Para a realização deste estudo foram efetuadas entrevistas com vinte estudantes, sendo dez do gênero feminino e dez masculino, que realizaram algum tipo de

intercâmbio cultural estudantil e retornaram ao Brasil. Com base nas respostas foi possível verificar o mercantilismo agregado a essa viagem e discutir a “bagagem cultural” agregada, ou não, para esse intercambista em seu retorno.

A vivência possível do intercambista, com os novos aparatos de comunicação e conhecimento, da era digital, cria uma maior facilidade e acessibilidade em relação ao encontro que será futuramente desenvolvido. Nasceria aqui, uma noção prévia do que eventualmente passaria a ser conhecido, antes mesmo da realização do intercâmbio. A elaboração de uma idéia prévia, poderia interferir na absorção da cultura local? Em qual momento seria possível falar em intercâmbio, e sua diferenciação das tradicionais práticas da visitação turística? Ou ainda, o “convívio digital” estabelecido anteriormente à visita, pode provocar a substituição do contato físico possibilitado pelo intercâmbio cultural?

Um pouco sobre intercâmbio...

A globalização tem sido apontada como um dos maiores fatores determinantes para a internacionalização em diversos setores.

Para Knight (1997, p.6) o termo globalização é “o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores e idéias através das fronteiras”, desta forma o contato entre pessoas do mundo inteiro ampliou-se, facilitando a acessibilidade a uma série de situações, em função, principalmente do grande desenvolvimento tecnológico vivenciado no mundo atual, por meio da era digital.

Complementando a posição de Knight sobre globalização, Fleuri. (1998, p.31), acrescenta ainda que:

(...) a globalização, não é apenas um fenômeno econômico, mas também ocorre nas dimensões culturais e políticas, o desafio de novas relações interculturais, que vem se impondo gradativamente com mais força no cenário mundial

Sobre esse “convívio digital” é possível perceber quanto os países e as cidades parecem estar próximos uns dos outros, pois através de uma simples “click” na internet é possível ler sobre outros lugares e sua cultura. Relacionado a esta interpretação, Ramos (2003, p.27) coloca que:

Graças aos processos fulminantes da informação, o mundo fica mais perto de cada um, não importa onde esteja. O outro, isto é, o resto da humanidade, parece estar próximo. Criam-se para todos a certeza, logo depois, a consciência de ser mundo e de estar no mundo, mesmo se ainda não o

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

alçamos em plenitude material ou intelectual. O próprio mundo se instala nos lugares, sobre tudo nas grandes cidades pela presença maciça da humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro (...).

Nesse cenário onde as pessoas, desde a infância passam a se relacionar mais com uma “maquina”, por exemplo, o computador ou o vídeo *game*, no lugar de se relacionar com outras crianças, desenvolveu-se a necessidade de se criar meios de interação, porém, dessa vez, mais física e profunda.

O intercâmbio pode ser observado, desta maneira, como um modelo de ação que faz essa interação entre pessoas e cultura. Para Bartell (2003) essa prática é conceituada como “trocas internacionais relacionadas à educação, e a globalização como uma avançada fase no processo que envolve a internacionalização”.

Para completar, Pecequilo (2004, p.14) esclarece que:

As Relações Internacionais, portanto, nascem de uma necessidade específica das sociedades em pensar as realidades externas que as afetam, passando a interferir no encaminhamento destes processos de forma a administra-los. Na prática, ainda que possam existir exceções, as sociedades estabelecem entre si trocas e contatos constantes da mais variada natureza e alcance, não existindo um pleno isolamento, o que leva a criação desta demanda pela compreensão do internacional.

Segundo o Ministério do Turismo, o turismo de estudos e intercâmbio constitui-se em “movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional” (BRASIL, 2008, p.15).

Torna-se importante colocar que o intercâmbio não tem apenas o objetivo dos estudos, mas também o de conhecer e vivenciar a rotina de outro país. Sobre isto Sebben (2007, p.27), coloca que, “se você for estudar, trabalhar e viver uma vida rotineira em qualquer outro país do mundo, então, você está fazendo um intercâmbio”. O intercambista passa não apenas a ter contato com outro idioma, mas sim, e principalmente, com outra cultura.

Eiras (2008, p.39), expõe sobre a relação entre cultura e intercâmbio da seguinte forma:

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

As relações educativas e sociais construídas e vivenciadas através de uma experiência de intercâmbio estudantil podem possibilitar ao aluno um contato e uma integração com a cultura do país visitado para além das experiências proporcionadas por viagens turísticas ou outras (...) o intercâmbio deve existir nas relações interpessoais estabelecidas entre os pares, e para as mesmas serem válidas ambas as partes devem contribuir de maneira significativa.

O intercâmbio estudantil ocorre principalmente pela vontade dos alunos, de aprimorar seus conhecimentos e sua atividade profissional, além de conhecer novas culturas e pessoas. A realização do intercâmbio oferece uma diferenciação nos estudos, o qual enriquece o currículo escolar, ajudando esses estudantes a ingressarem com maior facilidade no futuro mercado de trabalho.

Sobre essa troca de cultura Silveira (2008, p.23) entende que,

(...) a educação intercultural surgiu como uma proposta pedagógica que visa desenvolver relações cooperativas entre diferentes sujeitos e culturas, buscando preservar as identidades culturais, mas de forma não etnocêntrica, objetivando a troca e o enriquecimento recíproco.

Assim, como a própria palavra já diz, o intercambista passa aos outros, a sua cultura e o seu modo de ver o mundo, atividade que rebate a ele da mesma forma pelos nativos.

Las culturas cambian, no son algo estático, y se enriquecen con el cambio. Son el resultado de un proceso de adaptación ante nuevas situaciones. Mediante el contacto entre personas de diferentes culturas, vamos aprendiendo mutuamente elementos diversos. Es ese contacto donde definimos y construimos nuevas prácticas de acuerdo a las características y situaciones nuevas. (LARA, 2003, p.1)

Com a prática de viver em um país ou cidade que não seja a sua habitual, o estudante aprende a conviver com a diversidade das culturas e principalmente a respeitar essa diferença, como expõe Gacel (Apud: KAFLER, 2007.p.13): “A internacionalização promove o reconhecimento, o respeito pelas diferenças e pela identidade cultural”.

Ainda sobre esse enriquecimento pessoal que o intercambista passa a desenvolver, novamente Silveira (2008, p. 20), afirma que:

(...) considerando que os intercâmbios culturais provocam mudanças nos intercambistas no sentido e de crescimento e desenvolvimento humano, pode-se dizer também que, além de estarem relacionados a uma educação intercultural, os intercâmbios contribuem para uma educação em valores.

Em uma cultura diferente da sua, o intercambista passa a perceber essas diferenças e refletir a sobre a sua própria identidade cultural. Sobre identidade Cultural, Stuart Hall (2005, p. 13) coloca que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

As viagens tiveram início com as migrações humanas, ainda no começo da história do homem, com o nomadismo, ação nas quais os homens não possuíam moradias fixas, pois sempre mudavam de lugar em busca de alimento.

Na Era antes de Cristo, na época na República Romana, II e I séculos antes de Cristo, os jovens da nobreza, viajavam para a Grécia para realizar e aprofundar seus estudos, tendo como cidades mais procuradas Atenas, Rodes e Pérgamo.

Sob o domínio do Império, os professores também obtiveram oportunidades de viagens a estudo: “muitos professores gregos foram importados para que fundassem em Roma suas próprias escolas e instituições. Esses gregos também fizeram intercâmbio”. (SEBBEN, 2007, p. 28).

Com a queda do Império, houve a ascensão de novos centros de propagação da cultura², Sebben analisa esse cenário afirmando que: “neste momento entra o Cristianismo, influenciando a educação com a propagação da palavra de Deus e a fundação de seminários, monastérios e educandários”. (2007, p. 28)

Nesse contexto entra em “moda” o “*Grand Tour*”, que tratava-se de viagens realizadas pela burguesia, com o objetivo de complementar a formação cultural e também política dos homens, não era admitido que cargos importantes como médicos e

² Para Raymond Williams “cultura é tudo que constitui a maneira de viver de uma sociedade específica” In: CEVASCO. Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 51.

políticos inicia-se suas atividades profissionais sem terem a experiência da viagem internacional.

Os filhos dos nobres, burgueses e comerciantes ingleses deveriam complementar os conhecimentos culturais adquiridos em seu país com a realização de uma grande viagem pelos países de maior fonte cultural do velho continente e conseguir, assim, a consideração cultural que a sociedade impunha na Idade Moderna. (BERMUDEZ, 1997, p.40).

Este viajante obtinha condições financeiras para realizar essa viagem de grande porte, e já possuía um nível intelectual e cultural, tendo como objetivo agregar experiências para complementar sua formação. Barbosa (2002) coloca que “As viagens duravam de seis meses a um ano e meio, podendo, em alguns casos, alcançar dois anos (...) estes se alojavam em castelos e mansões feudais”.

As migrações e internacionalização do ensino, segundo Kafler (2007, p.8), iniciam-se, já na Idade Média, com a criação das Universidades Européias. Sobre este momento a autora, expõe que:

As “*universitas*” eram compostas por professores de diferentes regiões e países, que formavam comunidades internacionais. Os estudantes e professores viajavam em busca do conhecimento e de aventuras, visitando diversas universidades em Oxford, Bologna, Paris e outras regiões, realizando cerimônias de colação de grau em todos estes lugares por onde passavam. (KAFLER, 2007, p.8).

Fleuri (1998) acrescenta que a Educação Intercultural nasceu na Europa, no Pós - Guerra, expresso em um documento da Unesco, que a “Declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais”, de 1978, foi o primeiro texto a propor conceitos sobre a educação intercultural.

Sebben (2001), completa que estas viagens para estudos no pós-guerra ocorriam também sob a vontade de apaziguamento entre países e raças.

(...) em 1949 uma associação de jovens alemães, residentes em Berlim, criou um grupo que viajaria pelo mundo em busca de convivência pacífica” segundo a autora ainda eles acreditavam que, viajar após a guerra desenvolvendo trabalhos voluntários poderiam melhorar a imagem dos alemães”. (SEBBEN, 2001, p.15).

Desta forma, as viagens tinham além do objetivo de conhecer novas culturas e estudos, passou também por motivos sociais e políticos, como o exemplo do caso dos alemães, no cenário do pós Segunda Grande Guerra.

Com o desenvolvimento do mercado de intercâmbio, as instituições perceberam um novo nicho de mercado, “o seguimento de intercâmbio tem evoluído e se popularizado (...) O dólar mais baixo certamente auxiliou essa movimentação como a valorização pelas empresas por profissionais que tenham uma vivência em outro país” (Maura Leão, presidente do Yazigi Travel e presidente da BELTA, Maio/ 2010) Este mercado em ascensão, proporciona inúmeras facilidades para o estudante que desejam realizar os estudos em outros países conforme coloca Guerra:

Nas últimas décadas, as propostas de vivência no exterior vêm em forma de pacotes prontos que incluem ofertas de empregos, famílias hospedeiras (nem sempre acolhedoras), acomodação em albergues, cursos de idiomas, cursos profissionalizantes, estágios ou ainda a junção de algumas opções, como por exemplo, estudo e trabalho no mesmo programa. O mercado de intercâmbios conquistou seu espaço e atua hoje na maior parte das escolas de idiomas, bem como escolas regulares e universidades. (2007, P.23)

Para oferecer ainda mais facilidades existe hoje no Brasil uma associação, BELTA - *Brazilian Educational & Language Travel Association*, que reúne as principais empresas brasileiras voltadas ao segmento de intercâmbio, na área de cursos, estágios, trabalhos e intercâmbio no exterior. Fundada em junho de 1992, segundo o seu *site* oficial, as empresas parceiras representam mais de 90% do mercado nacional. Com o crescimento de associadas nota-se a expressão significativa também do mercado do intercâmbio.

No caminho das análises

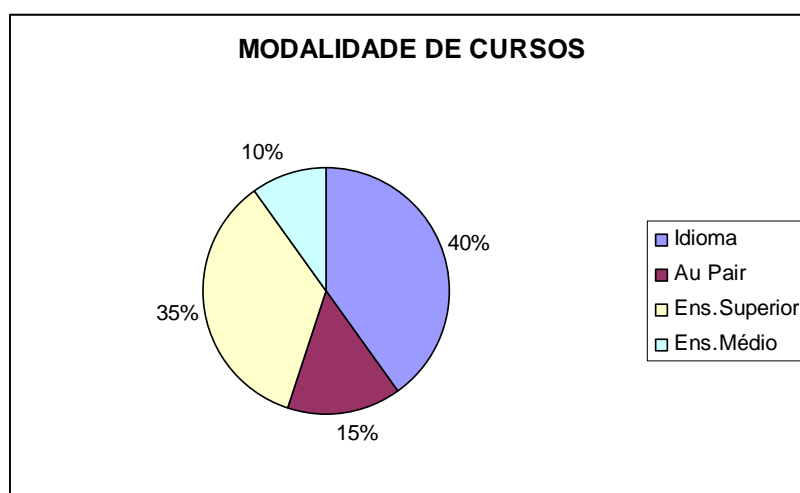
Para uma discussão sobre o diferencial trazido pelo intercambista após seus estudos fora do país, este artigo foi elaborado, com base no resultado de uma pesquisa qualitativa tendo sido usado, como abordagem de análise, respostas recolhidas com 20 entrevistados, sendo a amostragem composta de um percentual igualitário que reuniu o gênero masculino e feminino.

A faixa etária entre os intercambista variou entre 25 a 40 anos as mulheres que atuam hoje no mercado nas áreas de turismo, marketing e docência. E os homens

possuem a idade variada entre 25 a 30 anos os homens, atuantes na área de turismo, jornalismo e empresarial.

Dentre os inúmeros programas existentes no mercado atualmente, neste grupo de estudo, foram descritos os cursos de Au Pair: curso de idioma agregado a trabalho como babá em casa de família; Curso de Idioma: aperfeiçoamento de uma língua; Ensino Médio (*High School*), colégio; Ensino Superior: faculdades. Sendo dispostos na seguinte maneira.

Para uma melhor visualização dos dados, os mesmos foram expostos no seguinte gráfico:



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

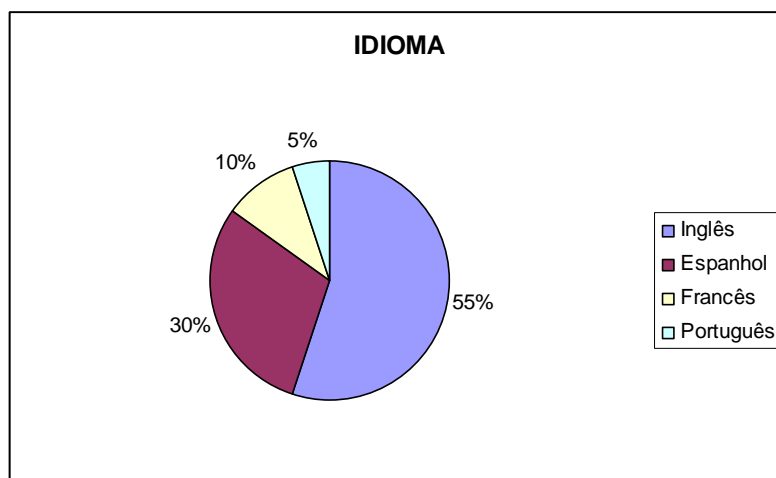
O curso de *Au Pair* foi realizado por três estudantes, por se tratar de um curso ligado a profissão de babá, sendo assim nota-se apenas a participação de mulheres. Já os outros tipos de cursos foram citados por igual.

Os cursos para aperfeiçoamento do idioma foi o mais citado, sendo colocado 8 vezes, atualmente nota-se no mercado cursos de idiomas especializados para algumas áreas de mercado, ou foco na pronuncia ou na escrita, porém nesse levantamento os cursos foram focados apenas no aperfeiçoamento do idioma.

Os outros cursos citados foram os de ensino superior com 7 participações e apenas dois para o ensino médio (*High School*), procuradas algumas agências especializadas a grande maioria cita o curso de ensino médio como o curso onde se tem um melhor aproveitamento do idioma, por se tratar de um curso para crianças, porém

nessa análise apenas 2 estudantes realizaram esse tipo, é válido acrescentar que o custo para esse estudo é o mais elevado.

Os países procurados para a realização dos estudos variam entre Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Nova Zelândia, Espanha, França e Portugal. Tendo como na grande maioria o interesse pelo idioma, que foi disposto da seguinte maneira: 11 participantes no idioma inglês, 6 para o espanhol, 2 para o francês e 1 que realizou a faculdade em Portugal.



Fonte: gráfico elaborado pela autora.

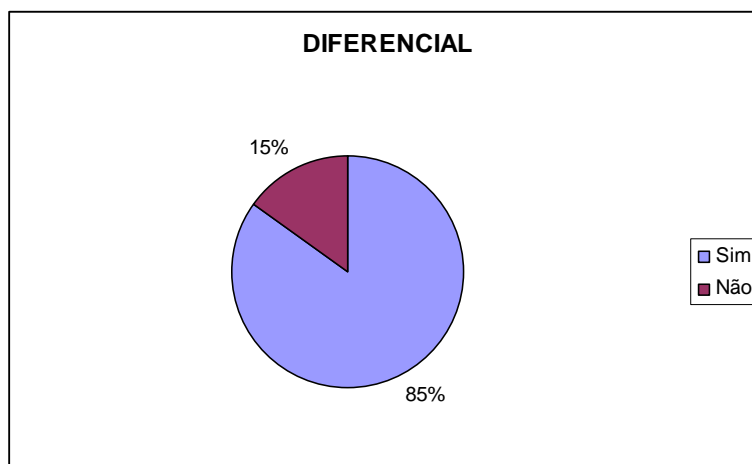
Nota-se claramente que o inglês é o idioma mais procurado por se tratar de um idioma mundialmente falado.

Outro ponto estudado foi à duração dos estudos, é válido lembrar que no mercado atualmente o mínimo para se realizar um intercâmbio são cursos com duração de uma semana. Dentro os entrevistados 5 realizaram o intercâmbio em um mês, 10 em seis meses, 2 em oito meses, 2 em dez meses e apenas 1 em um ano. O ano da viagem varia entre 1996 e 2009.

Como organização da viagem nota-se que 9 dos entrevistados organizaram suas viagens com a ajuda de uma agência especializada, 8 por intermédio da própria instituição de ensino e apenas 2 por conta própria.

Como forma de residência 9 dos entrevistados permaneceram em sua viagem em casa de família: em alguns países famílias nativas abrem suas casas para receber estudantes cobrando por essas estadias; Os 11 estudantes restantes permaneceram em residências estudantil: Casas destinadas a estudantes como casa de aluguel.

Quando questionados se o intercâmbio agregou o currículo profissional, 17 dos 20 entrevistados disseram que sim, e apenas 3 disseram que não.



Fonte: gráfico elaborado pela autora.

O ponto mais comentado sobre a diferenciação no currículo, é que no mercado atualmente a fluência, ou o conhecimento de outros idiomas é muito bem visto pelas empresas em diferentes áreas e setores. Em algumas áreas o segundo idioma passa a se tornar praticamente obrigatório em muitas empresas. Sobre isso uma das entrevistadas, de 30 anos afirmou que:

“para minha formação em Turismo, o intercâmbio cultural ajudou demais para entrar no mercado de trabalho. Acho que é um diferencial importante. Na área do Turismo é desejável você ter outro idioma. Hoje em dia é quase uma “exigência” do mercado.”

Outra questão abordada foi vivência internacional que também agrega um diferencial no currículo do intercambista complementando isso, um dos entrevistados de 29 anos colocou que:

“o intercâmbio foi um diferencial, pois acrescentou o idioma francês e inglês ao meu currículo, estes diferenciais foram decisivos para que eu atuasse junto aos clientes estrangeiros e fosse de alguma forma mais reconhecida pelos meus gestores e até mesmo numa entrevista de trabalho (...). O fato de ter morado no exterior me abriu portas e me familiarizou com o universo além Brasil”.

Os entrevistados citaram ainda que no momento de algumas entrevistas na busca de um emprego, muitas empresas perguntam sobre como foi o intercâmbio, onde foi, quanto tempo, ou seja, há uma preocupação com essa vivência internacional.

Os três estudantes que citaram que o intercâmbio não trás um diferencial, concordam que as empresas vêem a fluência em um idioma como “obrigação”, ou seja, se a fluência na outra língua fosse obtida através de cursos no Brasil mesmo, daria no mesmo. Uma das entrevistadas colocou ainda que o intercâmbio é algo visto porém existem outros pontos:

“Na verdade acredito que um experiencia fora do pais é algo muito bom, que as empresas valorizam, mas acredito que um indicação tem um peso maior do que um intercambio”

Um ponto levantado também pelos entrevistados foi que o custo para a realização da viagem de intercâmbio é um pouco alto, porém que o aprendizado é grande em pouco tempo, sendo o custo beneficio ótimo, a maioria das vezes.

Considerações iniciais

Com base nas respostas colhidas com estudantes que já realizaram intercâmbio e retornaram ao Brasil foi possível identificar que o objetivo principal da realização do intercâmbio é o aprimoramento de um idioma, na grande maioria prevalece o inglês, tendo como segundo fator a vivência internacional que este aluno agrega para sua vida.

O apelo mercantil oferecido pelo processo de aprendizagem de um novo idioma torna-se o fio condutor da viagem a ser realizada. A antiga realidade romântica do contato com outras culturas, elemento fundamental a dar impulso ao processo de intercâmbio em seus primórdios, parece ter ficado em segundo plano, talvez substituída pelo contato inicial com a cultura, realizada, primeiramente, no ambiente virtual.

Com a prática de viver em um país que não seja o seu habitual, o estudante aprende a conviver com a diversidade das culturas e principalmente a respeitar essa diferença, embora, pelas análises até o momento recolhidas, este fator fique condicionado a ser uma conseqüência da viagem, que tem como principal fator motivador à aprendizagem de uma segunda língua.

Com essa necessidade de interação, nota-se hoje no mercado de consumo de bens e produtos turísticos, que o intercâmbio estudantil cultural vem crescendo gradativamente passando a ser o sonho de muitos jovens e adolescentes, e este sonho

parece ser motivado por oportunidades futuras em relação a uma melhor colocação no mercado de trabalho. Com esse crescimento é possível verificar o aprimoramento e expansão desse mercado, com empresas especializadas para cada tipo de “cliente”, ou seja, o estudante.

Há em desenvolvimento uma nova fonte de ganhos, ocasionada, principalmente, pela necessária globalização de uma mão-de-obra. Pelas entrevistas recolhidas, notou-se que na maioria dos casos analisados, a opção foi pelo aprendizado relacionado à língua inglesa. Este fator corrobora que, apesar do intercâmbio estudantil ocorrer principalmente pela vontade dos alunos, de aprimorar seus conhecimentos, a futura atividade profissional, ainda garante seu desenvolvimento como produto de consumo.

A realização do intercâmbio oferece uma diferenciação nos estudos, o qual se enriquece o currículo escolar, ajudando os estudantes que participam do programa de intercâmbio a ingressarem, com maior facilidade, no futuro mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Gustavo Egypto. **A cultura da hospitalidade como fundamento do bom relacionamento na hotelaria**. Dissertação (Mestrado em Administração), PUC-SP, São Paulo, 2007.

BARTELL, M. A internacionalização das Universidades: Uma universidade cultural baseou a estrutura. Instrução mais elevada. Manitoba, Winnipeg, 2003.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BERTA. Disponível em: <http://www.belta.org.br/apresentacao.asp>. <acesso em 14 abril 2010>.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2003.

EIRAS, Alicia de Lima. **Os intercâmbios institucionais entre alunos de graduação e sua importância nas políticas de regionalização universitária**. Artigo de mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas, 2008.

FALTERI, Paola. *Interculturalismo e culturas no plural*. In **FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.

GUERRA, Vanessa. **Explorando os processos subjetivos neste modo de se deslocar na pós-modernidade**. Trabalho de conclusão de curso de para obtenção de título de graduado em psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2006.

KAFLE, Liliene Cacidoni. **A internacionalização do ensino superior e o caso da Universidade Anhembi Morumbi**. Trabalho de conclusão de curso de MBA. Universidade Anhembi Morumbi (UAM), 2007.

LARA, Juan Gómez. **Lós productos humanos, instrumentos de cambio para la educación intercultural**. Revista de investigación aplicada y experiencias educativas, Madrid, n 8, 2003.

MIURA, Irene Kazumi. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento**. Tese (Livre docência em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEARP), 2006.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais: o bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

RUTTER, Marina. ABREU, Sertorio Augusto. **Pesquisa de mercado**. São Paulo: Ática, 2003.

SEBBEN, Andréa. **Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

_____, Andréa. **Intercâmbio Cultural – um guia de educação intercultural para ser cidadão do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SILVEIRA, Éder da Silva. **A contribuição de um projeto escolar para a educação intercultural: O “intercâmbio internacional estudantil Delta do Jacui/ Brasil e Mostazal/ Chile”**. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.